



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Gazeta de Piracicaba

Data: 02/04/2014

Caderno: Cidade/ 7

Assunto: Golpe é lembrado

# Golpe é lembrado

Estudantes do Sesi promoveram ato para refletir sobre o fato e Calq realizou encontro

**JULIANA FRANCO**

Da Gazeta de Piracicaba

juliana.franco@gazetadepiracicaba.com.br

**MARCELO ROCHA**

Da Gazeta de Piracicaba

marcelo.rocha@gazetadepiracicaba.com.br

O Golpe Militar que implantou a ditadura no Brasil ocorreu em 1º de abril de 1964. Há exatos 50 anos, o país vivia um momento que mudaria os rumos da sua história recente. Com o apoio do Congresso e de um grupo de civis, os militares tiraram João Goulart da presidência da República e assumiram o poder. Com o objetivo de lembrar o momento e conscientizar os estudantes sobre o fato histórico, alunos do 9º ano do Sesi Piracicaba encenaram uma peça, na manhã de ontem, para mais de mil pessoas.

A iniciativa faz parte de atividade multidisciplinar organizada pelos professores de história, artes e educação física. Ao longo do mês de março, os alunos desenvolveram atividades dentro da sala de aula.

“Por meio de palestras, documentários, debates e aulas, os estudantes conheceram um pouco deste momento importante da história brasileira. A ideia de montar a peça foi uma forma que encontramos de despertar a curiosidade dos estudantes, já que sair do universo da sala de aula chama a atenção dos alunos”, explica o professor de história, Amauri Antonio Toloti.

Ainda de acordo com o docente, a atividade permitiu ao grupo voltar à época do regime militar no Brasil e entender as consequências desse pe-

ríodo. Mais de mil estudantes, do 6º ano do ensino fundamental ao 1º ano do ensino médio, assistiram à apresentação.

“Promovemos a conscientização e reflexão sobre o caso. Não é uma forma de comemorar, mas sim de provocar o senso crítico”, revela a professora de artes, Maria José.

## NA ESALQ

Um grupo de cerca de 30 alunos da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) também esteve envolvido na tarde de ontem com um encontro sobre o cinquentenário do Golpe Militar. No Centro Acadêmico Luiz de Queiroz (Calq), os universitários participaram de um debate sobre o tema com Manuel Cyrillo, integrante da ALN (Ação Libertadora Nacional), grupo armado que combateu o regime ditatorial instaurado no país.

O convidado relatou passagens dos “anos de chumbo”, falou como a resistência se organizava, contou passagens do período que ficou preso e respondeu perguntas dos esalqueanos.

Cyrillo participou de ações armadas, sendo duas de bastante repercussão nacional e histórica. “Particpei da captura do embaixador norte-americano (Charles Burke Elbrick, em setembro de 1969) e da tomada da Rádio Nacional em São Paulo (agosto de 1969), que hoje é a Globo. De arma em punho”, recorda Cyrillo.

A militância efetiva na ALN, diz Cyrillo, foi muito curta. “Porque a repressão era muito violenta. Entrei no final de dezembro de 1968, eu morava em São Paulo. Entrei na ALN,

inclusive, por causa do AI-5. Ali, fecharam-se as únicas portas possíveis. Então, o caminho passou a ser de luta armada mesmo. Militei até setembro de 1969”, afirma.

Em seus 10 meses de militância, Cyrillo diz que viu de perto, de dentro da cadeia, “muita gente ser executada, torturada.” “Fui preso em setembro, no dia seguinte ao assassinato de um companheiro, Virgílio Gomes da Silva. Fui levado para uma sala de tortura, onde fui torturado. O DOI-CODI não existia ainda, era a Operação Bandeirante (OBAN), que surgiu em julho de 1969. Era o embrião do DOI-CODI”, relata.

Cyrillo lembra que embora ceifada na esfera eleitoral (não havia mais voto), a resistência se dava por meio da música, teatro, imprensa e pelo humor. “Mas cada passo que a resistência dava ele levava uma cacetada”, afirmou Cyrillo. “Todos os caminhos foram se fechando. A única que sobrou, então, foi a luta armada. Nos primeiros dias após o Golpe prenderam mais de 50 mil pessoas”, afirma.

“Sempre digo que quem introduziu as armas na política brasileira foram os golpistas. O golpe militar foi dado com fuzis e tanques. Sim, foi um golpe de caráter civil militar, com a ajuda de Fiesp, dos meios de comunicação, banqueiros e vários setores da sociedade. Mas acima de tudo o golpe foi militar e armado”, define Cyrillo, que hoje se diz satisfeito ao ver um grupo de jovens “com preocupações políticas, querendo discutir o passado e não soterrá-lo”.



Alunos do Sesi na solenidade de hasteamento das bandeiras ontem



**CÂMARA DE VEREADORES DE PIRACICABA**  
**COMUNICADO**

A Câmara de Vereadores de Piracicaba, em atendimento aos dispositivos legais, torna público que os Balanços Gerais da Prefeitura do Município de Piracicaba e da Câmara de Vereadores, referentes ao exercício financeiro de 2013, estão à